

OS DESTACAMENTOS DE AÇÕES DE COMANDOS EM OPERAÇÕES NO AMPLO ESPECTRO

Capitão Rafael Lincoln Fernandez Almeida

O Capitão de Artilharia Lincoln serve no Centro de Instrução de Operações Especiais, sediado em Niterói-RJ. Foi declarado aspirante a oficial, em 2006, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Kursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2015. Serviu no 20º Grupo de Artilharia de Campanha Leve e no 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista. Possui os seguintes cursos e estágios: Básico Paraquedista, Básico de Salto Livre, Mestre de Salto, Mestre de Salto Livre, Ações de Comandos, Forças Especiais, Estado-Maior da *École d'État-Major* da França. Participou de destacamento de ações de comandos e de destacamento operacional de forças especiais. Integrou o *Brazilian Battalion (BRABAT)* no Haiti. Comandou a Companhia de Ações de Comandos do 1º Batalhão de Ações de Comandos sediado em Goiânia-GO (rafflincon@hotmail.com).



Os destacamentos de ações de comandos (DAC) são a ponta de lança do 1º Batalhão de Ações de Comandos (1º BAC) no cumprimento de sua missão precípua de realizar ações diretas contra alvos de valor significativo, nos níveis estratégico, operacional e tático. O 1º BAC atua em todo o espectro dos conflitos modernos, caracterizados, principalmente, por serem irregulares e assimétricos, típicos das guerras de quarta geração (G4G).

Ao longo da história, exércitos de nações mais fracas militarmente que seus inimigos se valeram de tropas de pequenos efetivos, ainda que fruto do improviso, mas de alto valor moral, capazes de fustigar, matar ou destruir o inimigo, abatendo-lhe o moral. Essas tropas agregam inegável valor psicológico às suas ações, colaborando decisivamente no êxito da campanha como um todo e, conseqüentemente, no desfecho da guerra. O marco característico da atual concepção de emprego dos comandos (Cmdos) está na Segunda Guerra Mundial (2ª GM):

A atual concepção de emprego dos Cmdos tem sua origem no ano de 1940, durante a 2ª GM. Quando após a rápida derrota da Força Expedicionária nos Países Baixos e na França, que culminou com a retirada de Dunquerque, a Inglaterra viu-se ameaçada de invasão. Disposto a não aceitar a derrota, o Primeiro Ministro Britânico Winston Churchill aprovou o recrutamento, seleção e formação de unidades, concebidas pelo Coronel Dudley Clark, cuja missão seria realizar ataques anfíbios contra as costas da Europa ocupada. Essas unidades, em uma alusão à Guerra dos Boêres, foram denominadas Cmdos (BRASIL, 2006, p.1-2).

Entretanto, o cenário da maior guerra que a humanidade já enfrentou, caracterizado pela guerra total e absoluta, emprego indiscriminado da violência, exclusivamente entre atores estatais, dificilmente repetir-se-á em um horizonte próximo, ao menos com tamanha amplitude.

O que se observa é que se mantém a concepção do emprego clássico das ações de comandos (Aç Cmdos), segundo o próprio lema: “o máximo de confusão, morte e destruição nas retaguardas profundas do inimigo”. Embora tal dístico encha seus integrantes de ufanismo e demonstre bem as características dessa tropa, após analisar as características dos conflitos atuais, talvez se possa concluir que esteja em desuso. Como levar a confusão, a morte e a destruição a um inimigo que mal se pode distinguir, de fato, se é inimigo ou civil inocente? Como atacá-lo em sua retaguarda se, na maioria das vezes, o cenário é sem frente e posições definidas?

O presente artigo se propõe a responder os questionamentos doutrinários propostos relativos à organização e ao preparo dos DAC do 1º BAC, em face da concepção atual de emprego de suas frações nas operações no amplo espectro.



Operadores de forças especiais realizando infiltração.

AS FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS NOS CONFLITOS IRREGULARES E ASSIMÉTRICOS

Atualmente, é inegável o protagonismo assumido por diversas forças de operações especiais (F Op Esp) [1] de diferentes países ao redor do mundo. Tal fato, deve-se, indubitavelmente, à atual natureza dos conflitos irregulares e assimétricos, típicos da G4G, que demandam, cada vez mais, o emprego de tropas com as características das F Op Esp.

Exemplos de conflitos irregulares e assimétricos abundam na história:

- a guerrilha espanhola contra a invasão napoleônica;
- os bôeres sul-africanos contra a então maior potência do planeta, no fim do século XIX e início do século XX, o Império Britânico;
- a revolta árabe organizada por Thomas Edward Lawrence, contra o Império Turco na Primeira Guerra Mundial (1ª GM);

- a resistência dos *maquis e partisans* na 2ª GM;
- a Revolução Maoísta na China;
- a Guerra da Indochina e do Vietnã;
- a insurgência afegã contra a União Soviética, a partir de 1979; e
- atualmente, o choque de civilizações, mencionado por Huntington, em que a *jihad* islâmica contra o ocidente levou o terrorismo ao civil mais inocente, em metrô, cafés, avenidas e casas noturnas, após o ataque, em 11 de setembro de 2001, às torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York, maior símbolo econômico dos Estados Unidos da América (EUA).

O nascimento do Exército Brasileiro (EB) se deu a partir das campanhas empreendidas por Francisco Padilha e Antônio Dias Cardoso contra o invasor holandês, em terras nordes-tinas, ao empreenderem a Guerra Brasília, típica guerra de guerrilhas em solo pátrio.

Anteriormente ao advento da Guerra do Vietnã, não havia a exata noção de como as nações poderiam combater um inimigo que utiliza a guerra irregular para vencê-las:

os ingleses, e o resto do mundo, em grande parte aceitaram a ficção de que a paz de Vereeniging, firmada, em maio de 1902, na África do Sul, marcava a vitória de um exército convencional sobre guerrilheiros que se renderam ao se sentirem em situação de inferioridade e sem esperança de vitória (ALEXANDER, 1999, p. 111).

A guerra irregular é a arma do fraco contra o forte.

Durante a 1ª GM, a Grã-Bretanha, a maior potência do planeta de então, empreendeu a guerra irregular, ao patrocinar a revolta árabe, militarmente inferior ao inimigo, o Império Turco. O Império Britânico valeu-se de um militar pouco castrense que teve a visão de adotar uma estratégia diferente da qual apregoavam seus compatriotas, que “queriam que os árabes empregassem os métodos militares convencionais de tomada de decisão” (ALEXANDER, 1999, p. 112).

Essa teoria “nasceu da sua astuta observação das condições e dos povos da Arábia e da Turquia que, enfrentando a aliança da Turquia com a Alemanha, se rebelaram contra séculos de ocupação turca” (ALEXANDER, 1999, p. 111).

Durante a 2ª GM, a situação desfavorável obrigou a Grã-Bretanha a lançar mão, não de uma tropa, porque de fato ela não existia, mas de um novo conceito: as AÇ Cmdos. Mesmo havendo muitas indagações e incertezas a respeito, era a única possibilidade de se retornar, ainda que timidamente, à ofensiva:

o homem que criou os Cmdos foi o Tenente-Coronel Dudley Clarke. Nos dias sombrios da retirada de Dunquerque, ele era assistente militar do Chefe do Estado-Maior Geral Imperial, General Sir John Dill. Pensando na derrota dos aliados na França e na Bélgica, enfrentava ele um dos velhos problemas da guerra: que deve fazer a nação que não se dispõe a aceitar a derrota, embora seu exército tenha sido derrotado no campo de batalha? Recuando no tempo, trouxe à memória as guerrilhas que na Espanha foram travadas contra os exércitos de Napoleão

e a revolta árabe na Palestina, onde ele próprio servira em 1936. “Será que homens decididos, usando somente as armas que poderiam carregar consigo, desdenhando a artilharia, formações de intendência e toda parafernália de suprimentos, poderiam sustentar uma guerra de guerrilha contra um inimigo cujas forças se estendiam de Narvik aos Pirineus?” (YOUNG, 1975, p. 8).

Até a 2ª GM, não existia uma concepção clara do que viriam a ser as Op Esp. Nesse contexto, nascem tropas como os *Sea, Air and Land (SEALs)*, da Marinha dos EUA; o *Special Air Service (SAS)*, o *Office for Strategic Services (OSS)*, que posteriormente se tornaria a *Central Intelligence Agency (CIA)* e as Forças Especiais americanas [2]. Não havia distinção clara entre tropas de Op Esp e tropas convencionais.

A 2ª GM representou o apogeu da guerra de terceira geração (G3G) e o emprego de tropas especiais ou paramilitares, como na resistência francesa, foram empregadas nesse contexto de guerra regular.

Após a guerra, tendo como evento histórico inicial a Revolução Chinesa, em 1949, houve o predomínio dos conflitos irregulares e assimétricos sobre os conflitos convencionais ou regulares, caracterizando a G4G.

Para Heydte (1990, p. 64), os casos de guerra irregular aumentaram, significativamente, após a 2ª GM, passando, também, a ocorrer isoladamente e não mais, somente, às sombras de uma guerra convencional.

Atualmente, as F Op Esp são concebidas para atuar no amplo espectro dos conflitos, incluindo seu caráter irregular e assimétrico. O grande emprego das forças especiais americanas, no Afeganistão, desenvolvendo a clássica missão concebida na criação dos *green berets*, a *unconventional warfare* [3], não visavam, evidentemente, enfrentar um inimigo superior, mas aquele que se utilizava da abordagem indireta.

Na atualidade, a guerra *high-tech* torna os EUA a superpotência hegemônica no campo militar, não possibilitando a qualquer ator, estatal ou não, uma confrontação militar formal, obrigando-o a adotar a guerra irregular, em suas diferentes formas, contra esse poderio incomensuravelmente superior.



Operador de forças especiais em posição tática de tiro.

Os EUA avaliaram, sabiamente, suas capacidades militares e compreenderam que não venceriam a guerra apenas por estarem, tecnologicamente, anos-luz à frente das milícias tribais talibãs. Empreenderam a *unconventional warfare* contra a *unconventional warfare* para combater as forças irregulares.

Atualmente, as F Op Esp são preparadas para atuar em um ambiente de guerra irregular. Ainda que o espectro dos conflitos atuais se estenda da paz estável à confrontação formal/guerra, ou seja, abarquem todas as formas possíveis de conflitos, grande parte estará sendo desenvolvida na parte mais próxima ao extremo inferior, sendo de baixa intensidade, contra atores não-estatais, muitas vezes, após uma campanha militar convencional.

Materiais de emprego militar (MEM) de alta tecnologia continuam sendo empregados em larga escala por aqueles que os possuem, ainda que contra um inimigo difuso, que a exemplo da intifada palestina, combate com pedras os poderosos tanques israelenses Merkava.

AS OPERAÇÕES NO AMPLO ESPECTRO

O EB passou a adotar o conceito operativo de operações no amplo espectro, diante da evolução dos conflitos atuais, da origem de novos paradigmas de combate, da necessidade de compreensão do complexo e multifacetado ambiente operacional moderno, influenciado não somente pela dimensão física, tradicionalmente o foco da análise para a condução das operações, mas também pela influência das dimensões humanas e informacionais:

o conceito operativo do Exército é definido pela forma de atuação da Força Terrestre no amplo espectro dos conflitos, tendo como premissa maior a combinação, simultânea ou sucessiva, de operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências, ocorrendo em situação de guerra e de não guerra. A situação determinará a preponderância de uma operação sobre outras. O conceito é abrangente e busca orientar as operações terrestres de curto e médio prazos. Caracteriza-se ainda pela flexibilidade, isto é, pode ser aplicado a qualquer situação no território nacional e/ou no exterior. O espectro dos conflitos varia do estado de paz até o conflito armado (estado de guerra), passando pela crise.

As capacidades do oponente influenciam na mudança e na gravidade das situações (BRASIL, 2017, p. 2-16,17).

“Na medida em que os conflitos interestatais ficam cada vez mais raros, o ambiente híbrido de ameaças ganha cada vez maior importância pelos estudiosos da guerra” (ARAÚJO, 2013, p.17). Alguns militares relutam em aceitar que aquilo que se desenvolve fora do extremo superior do conflito também lhes é de competência, sob alegação de subterfúgios que fazem corroborar o seguinte:

o caráter informal, dinâmico, flexível e mutável do combate irregular tem contrariado o cientificismo acadêmico, frustrando as expectativas daqueles que procuram, em vão por padrões doutrinários rígidos, aplicáveis com a mesma abrangência encontrada na guerra regular. A dificuldade em redigir conceitos didáticos que se encaixem integralmente em contextos históricos muito distintos motivou o surgimento, ao longo do tempo de uma série de termos e definições de senso comum, como “pequena guerra” (*kleinkrieg*), “guerra de partisans” (*partisan warfare*), “guerra não convencional” (*unconventional warfare*), “guerra irregular” (*irregular warfare*) e “conflitos de baixa intensidade” (CBI), para citar apenas alguns exemplos. Portanto, a redação de conceitos formais tornou-se muito extensa, mas sua real utilidade permaneceu bastante limitada, pois a essência da guerra irregular manteve-se inalterada. Com o intuito de dar-lhes uma conotação atual, a maioria dos autores tem empregado a expressão “conflito assimétrico (...)” (VISACRO, 2009, p.220-221).

As operações militares podem ser desenvolvidas em diferentes pontos do espectro, apesar de estarem, raramente, sendo desenvolvidas próximo ao extremo superior, ou seja, na clássica concepção do que vem a ser a guerra. “Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ocorreram mais de oitenta guerras de natureza assimétrica. Noventa e seis por cento dos conflitos transcorridos durante a década de 1990 foram assimétricos” (VISACRO, 2009, p.7). Ao se analisar a situação do Brasil, sob o mote de ser um país pacífico, deve-se concordar com Miranda (2013, p. 69), quanto ao emprego das forças armadas brasileiras nesse tipo de guerra formal ser

muito remoto, uma vez que se encontra em paz com seus vizinhos por mais de 140 anos e sem problemas que possam escalar em suas fronteiras. Nem por isso, os conflitos modernos deixaram de ser menos brutais, complexos ou afetos à ciência militar:

apesar dos novos ingredientes, esses conflitos permanecem marcados pelo emprego da violência. Por outro lado, a participação do vetor militar ficou mais complexa, por ocorrer em ambientes com a presença da população civil, concentrada em núcleos urbanos, o que reduz a possibilidade de identificar o oponente, demandando novas capacidades de combate para evitar a ocorrência de efeito colateral seja explorada pelo oponente contra nós (ARAÚJO, 2013, p.17).

Há que se posicionar a guerra irregular, bem como seus correlatos, no espectro dos conflitos. De fato, ocorrerá em todo ele, considerando-se a realidade brasileira. Poderá estar presente na violência, quase que generalizada engendrada com o narcotráfico nas favelas cariocas, paradoxalmente enquadrada como paz estável e situação de normalidade. Poderá estar presente no emprego da estratégia da resistência contra um agressor militarmente muito superior, que além da confrontação formal, adotaria a guerra irregular ou empregaria suas forças regulares com táticas, técnicas e procedimentos (TTP) de guerra de guerrilha. Via de regra, as forças armadas brasileiras poderão ser empregadas fora do escopo de uma confrontação militar formal contra outro país. Indubitavelmente em qualquer hipótese de emprego, estará imerso em um ambiente irregular e assimétrico, no Brasil ou no exterior.

Os DAC devem estar em condições de cumprir as Aç Cmdos nesse contexto, conforme exposto, mais distante do extremo superior:

“(...) o emprego já se dá sob o novo paradigma, mas a preparação e a organização ainda são para o antigo, desviando recursos e aumentando riscos” (MIRANDA, 2013, p. 69). Essa citação se refere ao EB como um todo e o presente artigo visa verificar em que medida isso se aplica aos DAC.

O EMPREGO ATUAL DOS DESTACAMENTOS DE AÇÕES DE COMANDOS

Em 2002, o EB criou sua Brigada de Operações Especiais (Bda Op Esp), com a finalidade de disponibilizar uma grande unidade de operações especiais (Op Esp), em elevado grau de prontidão, capaz de fazer frente à nova natureza dos conflitos do século XXI. Indubitavelmente, o atentado às torres gêmeas, em Nova York, em 11 de setembro de 2001, foi um ato catalizador que alertou o EB quanto à necessidade de ampliar a estrutura de suas tropas de Op Esp, por serem elas as mais capazes de responderem às ameaças do novo milênio.

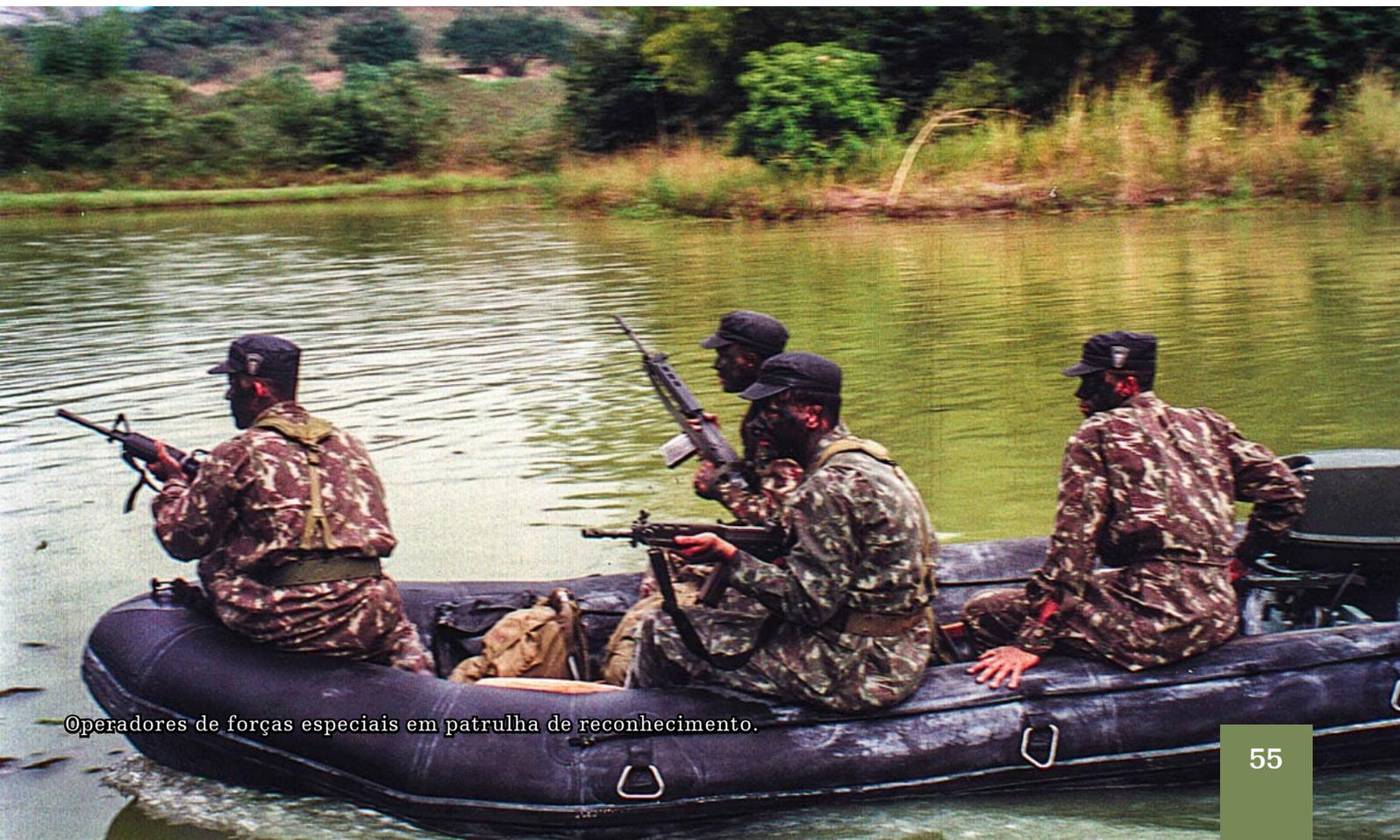
A Bda Op Esp foi ativada em janeiro de 2004, tendo o 1º Batalhão de Forças Especiais (1º B F Esp) e o 1º BAC como unidades diretamente subordinadas. Essas são as unidades de manobra do atual Comando de Operações Especiais (COpEsp), nova denominação da então Bda Op Esp, a partir de 2013. A criação da Bda Op Esp concebeu a existência de duas unidades distintas de Op Esp, cada qual capaz de cumprir sua missão precípua:

➤ o 1º B F Esp, com seus quadros especialistas na guerra irregular, capazes de realizar todos os tipos de Op Esp; e

➤ o 1º BAC, capaz de realizar ações diretas, também conhecidas como Aç Cmdos.

O 1º B F Esp foi criado em 1983 e integrava, em uma só unidade, elementos de Cmdos e de Forças Especiais, uma vez que, em seu organograma, contava com duas companhias de forças especiais (Cia F Esp) e uma companhia de ações de comandos (Cia Aç Cmdos).

Devido à sua estrutura e à sua organização, o 1º BAC é a unidade capaz de empregar destacamentos com elevada ação de choque e letalidade. São capazes de cumprir uma variada gama de ações diretas, realizando as ações táticas de destruir, interditar, neutralizar, eliminar, capturar, resgatar, retomar, conquistar e ocupar. Entretanto, também devido às suas características, são menos indicados para o cumprimento de ações “cirúrgicas”, por exemplo, em que haja a presença de reféns, principalmente, no contexto de contraterrorismo ou maior possibilidade de dano colateral. Para esse emprego, os destacamentos operacionais de forças especiais (DOFEsp) são os mais indicados.



Operadores de forças especiais em patrulha de reconhecimento.

As ações diretas devem ser diferenciadas pela finalidade tática e pelos alvos prioritários, visando à seleção da tropa mais apropriada para ser empregada no cumprimento de determinada missão, determinado emprego e em determinada ação direta. Deve ser levado em conta que a tropa que tem a missão de realizar ações diretas tem sua organização e seu preparo mais vocacionados para as Aç Cmdos, dentro de um quadro de guerra regular, sendo menos adequada às ações “cirúrgicas” e de baixa assinatura.

A atual concepção de enfrentamento ao terrorismo apresenta uma abordagem holística, empregando todos os esforços de segurança e de defesa do Estado, de forma integrada e interagências. Isso engloba o apoio de inteligência, o antiterrorismo, o contraterrorismo proativo e reativo e a administração de consequências. O 1º B F Esp possui o Destacamento de Contraterrorismo (DCT), subunidade destinada a ser empregada especificamente contra o terrorismo. Após ocorrido o atentado, caberá ao COpEsp a missão de contraterrorismo reativo, tendo como ponta de lança o DCT/1º B F Esp.

Considerando que as ações táticas a realizar são variantes das ações diretas, quais missões devem ser atribuídas a determinada tropa de Op Esp. O que caberia aos Cmdos, do 1º BAC, atuar no contraterrorismo:

- proativo, cumprindo as ações táticas de eliminar ou capturar líderes insurgentes e terroristas; ou
- reativo, cumprindo as ações táticas de resgatar nacionais ou estrangeiros tomados como reféns, dentre outras?

Tais respostas devem ser flexíveis devido à própria natureza das F Op Esp. As forças especiais são capazes de cumprir missões de ações

diretas, embora sejam mais vocacionadas para as ações indiretas, devido à sua organização e preparo. Deve-se também observar a importância da combinação das capacidades das F Op Esp para que o cumprimento da missão não se limite ao desfecho tático da ação em si.

A concepção tácita de emprego do 1º BAC não é vocacionada para as ações indiretas. Todavia, as demandas de emprego das F Op Esp relativas à prevenção e ao combate do terrorismo nos grandes eventos, operações sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU), evacuação de nacionais, Op Esp dentro do contexto de pacificação, operações no arco fronteiriço, exigem, cada

vez mais, que a tropa de Cmdos esteja pronta para cumprir essas missões.

Assim sendo, chega-se ao seguinte questionamento: em que medida a organização e o preparo dos DAC, do 1º BAC, está coerente com a demanda de missões que deverão ser capazes de cumprir nas operações no amplo espectro, notadamente na parte inferior desse espectro?

O 1º BAC é vocacionado para realizar ações diretas, sendo que, em um cenário próximo, o

Brasil demanda, cada vez menos, o emprego de uma tropa de Op Esp com as características atuais dos DAC. Todavia, esses não podem deixar de estar preparados para cumprir missões com essas características:

verifica-se que, cada vez mais, as tropas de Op Esp devem estar capazes de realizar ações diretas na parte do espectro que abrange os conflitos irregulares e assimétricos, de baixa intensidade, contra alvos altamente seletivos e específicos. Nesse cenário, avultam de importância as ações táticas de eliminar, resgatar e capturar, ao invés de destruir, interditar e neutralizar, verbos característicos do cumprimento das Aç Cmdos

É inegável o protagonismo assumido por diversas forças de operações especiais de diferentes países ao redor do mundo. Tal fato, deve-se, indubitavelmente, à atual natureza dos conflitos irregulares e assimétricos, típicos da guerra de quarta geração.

inseridas em um quadro de guerra regular, “quando avultam de importância diante das limitações da Força Aérea e podem ser concebidas para apoiar e/ou complementar uma campanha aeroestratégica” (BRASIL, 2006, p. 2-1).

O DAC é o elemento básico de emprego da Cia Aç Cmdos. Com um efetivo de 42 homens, pode atuar isoladamente em um diversificado número e tipo de missões (BRASIL, 2006, p.2-4). Apesar dessa organização inicial, o DAC é concebido por ser formado, com o recebimento da missão, de acordo com a necessidade para o cumprimento da mesma:

o efetivo do destacamento, bem como o de seus escalões, é variável de acordo com a missão a ser cumprida e seus fatores condicionantes. A base será o destacamento orgânico que poderá ser reforçado em pessoal e material, ou ter o seu efetivo reduzido (BRASIL, 2006, p. 2-4).

Essa organização aparentemente versátil e flexível enseja, entretanto, algumas implicações no seu emprego. Analisando-se, pormenorizadamente, a base de um DAC a 42 homens talvez não seja realmente flexível, ainda que se procure obedecer ao preceito supracitado.

Considerando-se as demandas para as quais foram criados, em 1940, em um contexto claro de guerra convencional, com a limitação da *Royal Air Force (RAF)*, os destacamentos britânicos assemelhavam-se aos DAC, sendo constituídos inicialmente por três oficiais e 62 praças. Ao estudar uma das mais importantes missões cumpridas pelos Cmdos britânicos da 2ª GM, o assalto ao Porto *Saint-Nazaire*, realizado em março de 1942 e considerado a maior de todas as incursões (YOUNG, 1975, p. 92), verifica-se que esse efetivo era relativamente pequeno, comparando-se com as demais missões.

Examinando-se a organização da tropa de Cmdos britânica, segundo McRaven, o próprio diagrama da superioridade relativa pode ser considerado diferente do que é hoje. Muitas vezes, o sigilo, fundamental para o princípio da surpresa nas Op Esp, era impossível de ser mantido até o início da ação no objetivo, ficando a tropa exposta e vulnerável, ainda no

final da infiltração, devido, principalmente, à envergadura da missão, à quantidade de meios e à natureza dos alvos.

Elenca-se algumas operações transcorridas a partir da criação da Bda Op Esp:

- a missão de resgate de nacionais, em 2011, na Costa do Marfim, com a formação do Destacamento Negro;

- a Copa das Confederações, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, dentro do contexto de enfrentamento ao terrorismo nos “grandes eventos” ocorridos no Brasil;

- a missão de paz no Haiti, findada em 2017, com o prognóstico de que haja outras missões de paz em um horizonte próximo; e

- as diversas operações de combate a ilícitos transfronteiriços em toda a faixa de fronteira do território nacional.

Diante do exposto, verifica-se que, atualmente, as ações diretas caracterizam-se por ocorrerem em operações contra forças irregulares dissolvidas no “meio do povo”, em um cenário irregular e assimétrico, típico da G4G e mais próximo do extremo inferior do espectro dos conflitos.

Sendo assim, é de suma importância que tal assunto seja alvo de debate e estudo por parte dos militares operadores especiais, visando ao contínuo aprimoramento das F Op Esp do EB, as quais não podem deixar, por um minuto sequer, de estar em elevado grau de prontidão. A aura romântica que envolve os Cmdos, concebidos para atuarem contra um inimigo em posições fortificadas, na retaguarda de seus exércitos desdobrados em vanguarda, flancos e retaguarda, na guerra “grande”, epíteto tão enfatizado por Heydte (1990), como antítese da guerra irregular, deixa de ser a regra para se tornar a exceção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se a evolução dos conflitos modernos, em que, forças militares, particularmente, as de Op Esp, são empregadas no amplo espectro, ou seja, podem atuar em todos os momentos da crise, desde a paz estável até as operações militares desencadeadas em situação de conflito armado/guerra, passando pelas etapas intermediárias de gerenciamento de crises em que o Estado pode se envolver.

A evolução da Era Industrial para a Era do Conhecimento implicou mudanças da maneira de se fazer a guerra. Segundo Visacro, problemas tais como as drogas, antes avessos às considerações de defesa nacional, são abarcados em uma clara indefinição entre os campos da segurança pública e da segurança interna. Problemas como esses se encontram em todo nosso entorno estratégico:

haverá mais casos, como o da Somália ou o do Zaire, onde os governos desmoronaram por completo e reina a anarquia. Outros países irão intervir para proteger, para cortar o tráfico de drogas, para evitar que imensas ondas de refugiados atravessem uma fronteira, ou para deter a disseminação da violência racial através de suas fronteiras. Esse é um mundo feito sob encomenda para os nichos de guerra da Terceira Onda, e não para as guerras em larga escala, totais, da era da Segunda Onda. À medida que os nichos de guerra proliferam, a doutrina militar será adaptada para dar a ela mais peso. Ao mesmo tempo, serão definidas as exigências para a nova tecnologia (TOFFLER, 1995, p. 115).

Fica nítida a necessidade de se dispor de tropas capazes de realizar ações diretas na “parte mais baixa no espectro dos conflitos”, em diferentes pontos da escalada da crise, tendo as considerações civis como um dos fatores da decisão mais importantes.

Diferentemente da doutrina de Op Esp americana, a brasileira não diferencia de forma categórica os tipos de ação direta, embora tacitamente o façamos. Como exemplo, pode-se dizer que a Força Delta e os *SEALS* [2] realizam esse tipo de ações diretas “cirúrgicas” e de maior sensibilidade política, havendo inclusive um escalonamento de capacidades entre os destacamentos dessas F Op Esp, subordinadas diretamente ao *Joint Special Operations Command (JSOC)*, sob a autoridade do presidente dos EUA.

Ações realizadas, simultaneamente, em diversos pontos, como o atentado terrorista em Mumbai, na Índia [4], demandam o emprego de várias frações de F Op Esp em pontos diversos, no meio de enclaves urbanos e imersos na população civil. Mesmo levando-se em conta a diminuta estrutura das F Op Esp brasileiras, não se

pode dispor de efetivos alheios à realidade das Op Esp e capacitá-los, parcialmente, para serem empregados como tal.

A grosso modo, a formação dos Cmdos, seja no curso de ações de comandos (CAC) ou no curso de formação de cabos comandos (CFCC), está voltada para a execução de ações diretas em um quadro de guerra regular, fruto, principalmente, das limitações da Força Aérea, contra alvos estratégicos da estrutura física do inimigo, civil e militar. Essa concepção se estende ao adestramento dos DAC do 1º BAC. McRaven menciona que, mesmo com a contínua evolução da arte da guerra, os princípios teóricos basilares da Op Esp continuam imutáveis. Seja na missão de destruir uma ponte para impedir o avanço de uma divisão blindada inimiga ou resgatar um refém sob a ameaça de um perpetrador terrorista em território nacional, as fases de execução de uma ação direta serão as mesmas, mas nem sempre, principalmente na ação no objetivo, serão empregadas as mesmas TTP.

Diante da necessidade de preparação para as operações atuais, os DAC vêm priorizando o adestramento em missões, cujos verbos principais são eliminar, resgatar e capturar, ou seja, ações diretas mais “cirúrgicas” e contra alvos seletivos. De fato, há uma falsa dicotomia entre as ações clássicas e as demais operações cumpridas pelos destacamentos. Na recente Operação Furacão, no Rio de Janeiro, em uma situação de não guerra, foram empregados meios militares consideráveis, como blindados, helicópteros e aeronaves remotamente pilotadas, bem como tropas das forças singulares, auxiliares e policiais, além da cooperação interagências com outras instituições. As operações transcorreram em ambiente rural e urbano, cujas características poderiam facilmente ser enquadradas como uma clássica Aç Cmdos, conforme sua doutrina e não como mero substituto às forças policiais.

As dificuldades nas Op Esp atuais não são menores que as encontradas nas incursões dos Cmdos ingleses na 2ª GM, que sofriam muitas baixas. Hoje, um erro tático pode configurar um desastre estratégico com reflexos políticos. Não se pode cair no engodo de que estar preparado para a “guerra total”

significa estar preparado para qualquer tipo de conflito. As demandas são distintas e não menos difíceis e, como mencionado anteriormente, um erro tático poderá ter consequências catastróficas.

A realidade brasileira está longe de poder dispensar as características

de uma tropa de Cmdos. Os DAC devem, portanto, continuar se adestrando para as ações diretas empregadas no quadro atual, irregular e assimétrico dos conflitos, evidentemente, sem perder as capacidades anteriormente adquiridas.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Bevin. **A Guerra do Futuro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.
- ARAÚJO, General de Divisão Mário Lúcio Alves de. **Operações no Amplo Espectro: Novo Paradigma do Espaço de Batalha**. Doutrina Militar Terrestre em revista. Brasil, p 16-27, janeiro-março, 2013.
- BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **CI 31-20/1: Ações de Comandos**. 1. ed. Brasília, 2006.
- _____. Estado-Maior do Exército. **CI 31-20: Batalhão de Ações de Comandos**. 1. ed. Brasília, 2006.
- _____. **C 31-21: O Batalhão de Forças Especiais**. 1. ed. Brasília, 2006.
- _____. **EB20-MC-10.212: Operações Especiais**. Brasília, 3. ed. 2017.
- _____. **EB20-MF-10.223: Operações**. Brasília, 5. ed. 2017.
- COLLINS, Jonh M. **Forças de Operações Especiais em Tempo de Paz**. Military Review. Kansas, Estados Unidos da América, p 72-77, 3º trimestre, 2001.
- DUNNINGAN, James F. **Ações de Comandos: operações especiais e o futuro da arte da guerra moderna norte americana**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.
- _____. **Manual de Campanha FM 3-05.201: Special Forces Unconventional Warfare**. Headquarters, Department of the US Army, 2003.
- LFULLER, John Frederick Charles Fuller. **A Conduta da Guerra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.
- HEYDTE, Friedrich August Von Der. **A Guerra Irregular Moderna: em política de defesa e como fenômeno militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- McRAVEN, H. William. **Spec Ops: case studies in special operations warfare: theory and practice**. New York: Ballantine Books, 1995.
- MIRANDA, André Luis Novaes. **A Necessária Transformação do Exército**. Doutrina Militar Terrestre em revista. Brasil, p 64-77, janeiro-março, 2013.
- OLIVEIRA, Sérgio Alexandre de. **Superioridade Relativa nas Ações Diretas**. Forças de Operações de Especiais: Programa de Atualização Doutrinária N° 2, p. 52-77.
- PINHEIRO, Alvaro de Souza. **As Forças de Operações Especiais do Brasil**. Rio de Janeiro, 2008.
- _____. **Crises e Conflitos no Século XXI: A Evolução das F Op Esp**. Forças de Operações Especiais: Programa de Atualização Doutrinária N° 2, p.4-51.
- SHARRE, Paul. **Espectro de Quê?** Military Review. Estados Unidos da América, n.2, p. 49-56, março-abril, 2013.
- TOFFLER, Alvin e Heidi. **Guerra e Antiguerra: sobrevivência na aurora do terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.
- VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- YOUNG, Peter. **Comandos: os soldados fantasmas**. Rio de Janeiro: Renes, 1975.

NOTAS

[1] As forças de operações especiais (F Op Esp) são destinadas à execução das operações especiais. Incluem frações de forças especiais, comandos e os seus apoios que possuem habilitações e especializações para operar em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis. As F Op Esp, em termos gerais, podem ser caracterizadas por serem tropas de altíssimo desempenho que realizam missões especiais baseadas em suas capacidades específicas. Também são consideradas F Op Esp as tropas especiais análogas das demais forças singulares.

[2] O *1st Special Forces Operational Detachment-Delta*, comumente referido como *Delta Force* e *Task Force Green*, é a principal força contraterrorista e de operações especiais do Exército dos Estados Unidos. O *United States Naval Special Warfare Development Group (DEVGRU)* é um grupo da Marinha dos Estados Unidos, chamado normalmente de SEAL (sea, air and land), que atua no mar, no ar e na terra, constituindo-se, basicamente, na força de operações especiais da Marinha dos EUA. Ambos são subordinados ao *Joint Special Operation Commands (JSOC)*.

[3] *Unconventional warfare (UW)* significa guerra não-convencional e, segundo o manual de campanha americano *FM 3-05.20 Special Forces Unconventional Warfare Operations*, é definida por “[...] *broad spectrum of military and paramilitary operations, predominantly conducted through, with, or by indigenous or surrogate forces organized, trained, equipped, supported, and directed in varying degrees by an external source. UW includes, but is not limited to, guerrilla warfare (GW), sabotage, subversion, intelligence activities, and unconventional assisted recovery (UAR)*”. “[...] amplo espectro de operações militares e paramilitares predominantemente conduzidas com a presença ou por meio de forças locais organizadas, treinadas, equipadas, apoiadas e dirigidas em vários níveis por um patrocinador externo. A guerra não convencional inclui, mas não se limita, à guerra de guerrilhas, sabotagem, subversão, atividades de inteligência e fuga e evasão”.

[4] Atentado terrorista perpetrado em 26 de novembro de 2008 em diversos pontos da cidade durante cerca de três dias, com cerca de 195 mortos e 327 feridos. Credita-se o atentado ao *Lashkar-e-Taiba*, grupo terrorista islâmico que opera a partir do Paquistão.

